

CONFERÊNCIA

A Arte de Ler, a Arte de Viver¹

Luiz Percival Leme Britto²

I.

Tresdizia o jagunço Riobaldo em sua narrativa-confissão que viver é perigoso, por demais. Em suas diferentes formas de ver o vasto mundo do sertão, tratava de assuntar explicação do inexplicável: que é isso de viver, impreciso, inexato, atrapalhado? Que é esse “descuido prosseguido”? E põe: “Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar”ⁱ.

A vida é difícil explicar, se há o quê, também para quem da cidade. O bem acomodado pequeno burguês Antoine Roquetin, em sua angústia imprecisa, nauseante, diante da presença das coisas, do ser e do nada, escreve em seu diário que “todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso”; as coisas são, simplesmente: “elas não desejavam existir, só não podiam evita-lo”ⁱⁱ.

E se a vida é assim ruim de entender, tampouco é de se compreender a inexata e incerta a morte de cada um.

Narra a crônica que Quincas Berro Dágua, o antes bem ajustado funcionário público e zeloso pai de família Joaquim Soares da Cunha, na hora de morrer a morte sua, deixou-se levar pela imensidão das águas, e dizendo a quem ouvisse (e ouviu Maria Quitéria, seu amor largado): “cada qual cuide de seu enterro, o impossível não há”ⁱⁱⁱ. Confirma Jorge Amado, cronista da história de Quincas, que essa foi a morte “que ele desejou e quis; a outra, a morte bem-comportada de enterro em Campo Santo com acompanhamento de familiares e colegas de repartição, ele a abandonou em mãos da filha e do irmão, por mesquinha e indigna”^{iv}.

¹ Conferência realizada por ocasião do encerramento do V Seminário Lelit de literatura infantil na escola e II Seminário de Educação Infantil do Oeste do Pará. Santarém, 01 de outubro de 2015.

² Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará. Membro do Movimento por um Brasil Literário. E-mail: luizpercival@hotmail.com

Essa coisa que agarra e persegue, e da qual não há fuga ou refúgio, se instala diante do sujeito – crente ou descrente – e impera. A visita noturna do negro áugure do “nunca mais” desfaz ilusões e esperanças:

E o corvo aí fica; ei-lo trepado
 No branco mármore lavrado
 Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
 Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
 Um demônio sonhando. A luz caída
 Do lampião sobre a ave aborrecida
 No chão espraia a triste sombra; e, fora
 Daquelas linhas funerais
 Que flutuam no chão, a minha alma que chora
 Não sai mais, nunca, nunca mais!^v

Caio Fernando Abreu, personagem de si-mesmo, em sua agonia de enfrentar a morte anunciada pela doença e que ia se acomodando insidiosa em seu corpo, confessa-ensina que “muitas vezes a gente prefere ser deixado a sós com o enigma do próprio corpo, quando ele ameaça nos devorar feroz, incompreensível”^{vi}.

Manuel Bandeira, poeta que carregou consigo a vida toda outra “doença maldita” que lhe punha a versejar sobre a morte, fez desde jovem “versos de angústia rouca”, que de seus lábios corriam (como a vida, como o sangue), “deixando um acre sabor na boca”^{vii}. E singelo, singelo, canta triste o simples do sem-sentido da vida:

Andorinha lá fora está dizendo:
 - "Passei o dia à toa, à toa!"

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
 Passei a vida à toa, à toa...^{viii}

Noutro diapasão, Bartolomeu Campos de Queirós, põe um velho (ele mesmo?) em conversa miúda com um menino (ele mesmo em suas reminiscências?) a vasculhar e tentar compreender, desde as duas perspectivas – a do começo e a do fim da vida –, o sem-sentido do tempo:

Ele está sempre acordado, viajando e vigiando tudo. Sabemos que ele existe porque modifica todas as coisas. O tempo troca a roupa do mundo. Ele muda a história, desvia águas, come estrelas, mastiga reinos, amadurece frutos, apodrece sementes. Nada fica fora do tempo. Moramos dentro dele e impedidos de abraçá-lo. O tempo foge para não ser amado. Quem ama fica. O tempo foge.^{ix}

O escritor, não se suportando em sua dor de viver, inventa: a fábula nasce para cuidar do abandono que o autor sentia em solidão, exílio voluntário – a água e o céu, o peixe e o

pássaro; a mentira (fantasia) feita para tornar leve e gentil o espaço impossível que o oprime e torna difícil a respiração – inútil e verdadeira mentira.^x

Que mistério há nesse viver mastigado, nesse saber-se comido pelo tempo, nessa desrazão arrazoada, nessa consciência atravessada e indesejada de que “o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo”^{xi}

II.

O tempo, o mundo, a vida: tudo são vazios de sentido, imensos desprovidos de razão ou explicação. São, definitiva e simplesmente, são.

Boi morto, boi desconhecido,
Boi espantosamente, boi
Morto, sem forma ou sentido
Ou significado. O que foi
Ninguém sabe. Agora é boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto.^{xii}

O acontecer que não dói, a lida diária esquecida de si, a vida cativante – corpo vaso de prazeres –, a gente ansia por ela desesperadamente. Mas não tem, não há como. O problema não é simplesmente viver, o problema é saber-se vivo e saber o tempo todo que algo nos rouba a vida e o corpo em que ela se faz. O problema é saber a morte, imperscrutável, e não saber para que ou por que a vida tem de ser como é.

Assim terminam as angustiadas “especulações em torno da palavra homem”, de Carlos Drummond de Andrade:

Para que serve o homem?
para estrumar flores,
para tecer contos?

Para servir o homem?
Para criar Deus?
Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?
Como quer o homem
ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?
Que sonho, que sombra?
Mas existe o homem?^{xiii}

Esse sentimento arrevesado de incompreensão, essa percepção aguda de falta, essa experiência do evanescente inevitável, de sequestro atroz do que nos há de mais caro... Essa ânsia dolorosa e insuportável da miudeza simplesmente ser criou a fé, a filosofia e a arte.



A fé, de certa forma, dissolve a angústia, porque oferece fundamento à vida e traz consolo à morte com a eternidade anunciada: seremos para sempre, a vida é um instante de uma existência resplandecente.

A filosofia, de certa forma, resolve o problema, porque propõe lógica e racionalidade à existência: as coisas se organizam no método e, se não remédio, há explicação.

A arte, de certa forma, alivia o espírito, porque sublima a falta em emoção e conduz ao júbilo. Perco-me em transcendência, torno-me múltiplo, ocupo-me com o inusitado e eternizo-me na fantasia de ser também em outros mundos.

A essas três parcas, lúgubres seres a tecer e cortar o fio da vida, no desespero de contornar a precariedade da existência, a gente se apega e rejeita, agarra e agride... A gente as torce, retorce, contorce... A gente as faz de muitas maneiras, porque, fosse sempre uma e a mesma, elas se esvaíam sem força na mesmice das coisas.

Elas, três irmãs nascidas que são do mesmo desejo, elas se põem em infundáveis movimentos de conciliação e confrontação.

A conciliação se dá quando o desejo de deus (a fé) instiga o espírito inquieto a criar estéticas – imagens, vozes, movimentos e formas – que, por meio do belo, manifestem o espanto de existir e a grandiosidade do criador; e se dá também quando a necessidade de explicar e pôr em ordem a fé e a arte gera o discurso organizado e consistente sobre as coisas e seus sentidos – a razão; e se dá ainda quando a limitação da razão e da transcendência estética conduzem outra vez o espírito para o desejo do divino.

Os inevitáveis atritos: a harmonia termina quando a ordem divina, intumescida, se faz totalidade demasiada e se encrespa com a licenciosidade estética ou com a força da razão, confrontando-as e desejando sufocá-las: a palavra é total e emudece o espírito, recalca as dores em lugares tão recônditos que elas parecem já não ser; a moral que emana da fé já não condiz nem com o desejo da arte nem com a sinceridade da filosofia. E arte e fé, porque admitem ser sem que se explique como são ou por que são como são, se indispõem com a coerência estrita da indagação metafísica, sempre insatisfeita com o dizer que não indaga como ele se fez; e fé e filosofia se afastam da arte quando recusam aceitar o ilimitado, a propensão à criação e a invenção de vidas inexistente e inexistentes.

De todo modo, não importa o quanto se reinventam e metamorfoseiam-se ininterruptamente – só assim seguem possíveis –, essas maneiras de enfrentar a miséria humana. Elas servem sempre apenas de *certa forma*: mesmo consolada com a eternidade

anunciada, a gente não quer deixar de ser o que é aqui, agora; mesmo conformada com as explicações racionais, a gente não se admite a morte sua e a de seu semelhante; e o encantamento que a arte produz na gente esvai-se em aflição, e já não consola.

Viver é perigoso.

III.

Há ainda outra maneira – mais estúpida, mais mesquinha – de ludibriar o tempo e seus mistérios, sem espiritualizá-lo, sem indagá-lo, sem encantá-lo, quiçá, sem sofrê-lo: um admirável mundo novo, em que não se envelhece nem se morre e tudo está em ordem e harmonia – aí não se sabe da morte, nem na vida comezinha, nem em sua busca interrupção programada^{xiv}.

Nessa forma “volátil e efêmera” de vida que se basta e se parametriza em exatidões produtivas e consumos ordeiros, a experiência desconhece qualquer razão de continuidade e se esgota no presente fugaz. Na “ausência da profundidade do passado” e de “profundidade do futuro como possibilidade de determinar o indeterminado e ultrapassar situações históricas, compreendendo-as e transformando seu sentido”, desaparece o “sentido da cultura como ação histórica”.^{xv}

Trata-se da ordem do pragmático, ordem em que as coisas imperam e fazem da pessoa uma coisa entre tantas mais. E, para isso, há que narcotizar a alma da gente, que assim vai passando pelo tempo como se ele não fosse, vai sendo sem dar-se conta de que existe; e vai se fazendo útil, subsumida à dimensão prática e (re)produtiva da materialidade crua. Reificação, alienação.

Não obstante a pobreza e a mesquinhez dessa maneira de fazer representar a vida, ela não só permanece como prevalece sobre as demais, incorporando-as e encarcerando-as à sua lógica. A fé já não mais será fruto da tensão do inexplicável, mas apenas a abolição da dúvida e a repercussão da irracionalidade cega, propagando uma moralidade que, ao invés de valorizar a vida, a reduz à banalidade de regras e preceitos; a filosofia já não mais estará para a indagação da existência, mas apenas para a justificativa da normatividade produtiva e a adequação aos modos recomendáveis de ser; a arte já não mais remeterá ao inusitado da dor e do prazer, ao absurdo do tempo, mas apenas apascentará os espíritos com a obviedade do entretenimento ligeiro e o decorativo ajustável aos corpos e vitrines.

Essa ordem não é casualidade nem opção de alguns. Tampouco é opção afirmar estar fora dela. Ela se impõe, inexorável e irresoluta, e se realiza como desigualdade disfarçada, submetendo o trabalho e o desejo humano à de produção da mercadoria e à acumulação de riqueza.

A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário.^{xvi}

Especialmente com relação à arte, mas estendendo a todas as dimensões da cultura, a ordem pragmática conforma-se precisamente ao que Adorno definiu com indústria cultural: “Cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria na formação social, inclusive no plano das próprias necessidades sensíveis a que correspondem os valores de uso dos bens na sociedade de consumo”.^{xvii}

Nesse lugar de des-ordem, nessa totalidade vazia, não lugar para deus, não há razão para o pensamento, não há motivo de fabulação. As coisas resumem-se a ser coisas: “que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”.^{xviii} Não há, enfim, terceira margem nem menina de lá, não há Diadorim nem Miguilim. Não há dor ou espanto.

IV.

Mas isso é e não é.

Não pode ser, mesmo sendo em plena aparência e em poder constituído.

A dor recalcada no cárcere mais recôndito da alma insubordina-se e agride o silêncio. A memória da morte teima em mostrar-se. O incômodo. E a criança morta na mesma praia em que um dia remoto aportou Ulisses, para além da denúncia da segregação, compunge, aturde, convoca as musas, abre as portas do Hades e reinstaura a pergunta: “que coisa é homem?”

Sabe o poeta, sabemos todos, que não há resposta bastante ou lenitivo capaz. Nem deus, nem a razão, nem a arte nos acodem o suficiente. Mas a fé libertadora, a filosofia curiosa e a arte fabulosa são a vida possível e necessária e a única forma de resistir à barbárie

e à ilusão de sucesso e alegria que apregoam as rezas fáceis, as razões instrumentais e as artes do esquecimento.

Recebida em: Agosto de 2015

Aceita em: Novembro de 2015

REFERÊNCIAS

- ⁱ ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 32.
- ⁱⁱ SARTRE, J-P. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 151.
- ⁱⁱⁱ AMADO, J. **A morte e a morte de Quincas Berro D'Água**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1999, p.61.
- ^{iv} AMADO, J. **Carta a uma jovem leitora sobre romance e personagens**. Salvador, Casa das Palavras, 2003. P. 55.
- ^v POE, E. A. O corvo; tradução de Machado de Assis. In: **Obra Completa, Machado de Assis**, vol. III, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.
- ^{vi} ABREU, C. F. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 161.
- ^{vii} BANDEIRA, M. Desencanto. In: **Estrela da vida inteira / Cinza das Horas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ^{viii} BANDEIRA, M. A. In: **Estrela da vida inteira / Libertinagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ^{ix} QUEIRÓS, B. C. de. **Tempo de Voo**. Ilustrações de Alfonso Ruano. São Paulo: Comboio de Corda, 2009. P. 8-9.
- ^x QUEIRÓS, B. C. **O peixe e o pássaro**. Belo Horizonte: Formato, 1971.
- ^{xi} ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- ^{xii} BANDEIRA, M. Boi morto. In: **Estrela da vida inteira / Opus 10**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ^{xiii} ANDRADE, C. D. Considerações em torno da palavra homem. In: **Reunião: 10 livros de poesia / A vida Passado Limpo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- ^{xiv} HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- ^{xv} CHAUI, M. Cultura e democracia. In: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Año 1, no. 1 (jun. 2008). p.62.
- ^{xvi} ADORNO, T. W. O que significa elaborar o passado. In: **Educação e Emancipação**, de Theodor W. Adorno. São Paulo: Paz e Terra, p. 43.
- ^{xvii} LEO MAAR, W. Prefácio a **Educação e Emancipação**, de Theodor W. Adorno. São Paulo: Paz e Terra, p. 23.
- ^{xviii} ANDRADE, C. D. A flor e a náusea. In: **Reunião: 10 livros de poesia / A rosa do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.